

Ir. Tristão
Cordeiro
de Oliveira

Ir. Tristão Cordeiro de Oliveira

Tristão Cordeiro
de Oliveira

Ir. Tristão Cordeiro de Oliveira, sdb

Prezados irmãos em Dom Bosco:

Mais uma vez, a campa do Parque da Colina, em Niterói-RJ, foi aberta por mão poderosa, para receber um salesiano que portava passaporte de entrega total a Deus, por 66 anos de vida religiosa e carradas de sofrimentos, sobretudo nos últimos anos, em que não mais viu a luz do Sol, nem a beleza das cores, nem o céu estrelado, a imensidão do mar. Não contemplou a formosura das flores, nem mesmo daquelas que solenizavam a cerimônia de despedida e de homenagem de seus irmãos nos santos votos, de uma dedicada parenta, também religiosa, e vários amigos. Na tarde de 13 de outubro de 2010, depositamos no sepulcro os despojos mortais do salesiano irmão TRISTÃO CORDEIRO DE OLIVEIRA, falecido na madrugada daquele mesmo dia.

Tristão Cordeiro de Oliveira nasceu no Município de Capelinha, quase no centro do Estado de Minas Gerais, aos 24 de março de 1918.

BIOGRAFIA

Tristão Cordeiro fora visto chegar ao aspirantado, certo dia, juntamente com um menino que também vinha procurar atender ao suposto chamado de Deus sentido no âmago do coração. Já era moço feito e cultivava um respeitável bigode. Os estudantes que viram a chegada daquela dupla julgavam que fosse um pai que trazia seu filho para o aspirantado. Não era a verdade. Mais uma vez se confirmava o provérbio: "As aparências enganam". O adulto era também uma pessoa que desejava ser padre e pretendia iniciar os estudos para atingir o ideal.

O sonho do Sr. Tristão terminou pouco tempo depois. A falta de base de estudos fundamentais, um pouco de dificuldade na aprendizagem de conceitos abstratos, sua idade já avançada para reiniciar entre jovens bem mais moços, mais ágeis e hábeis nas salas de aula e rápidos no raciocínio e fixação intelectual levaram os superiores daquela época, em que a vocação sacerdotal salesiana era avaliada pelos "três esses" e facilidade de assimilação da língua latina, a chamarem o aspirante Tristão e fazer-lhe uma contraproposta de serviço a Deus: ser recebido na Congregação Salesiana como irmão coadjutor. Explicaram o significado do alvitre, isto é, religioso leigo, com os mesmos direitos associativos que os salesianos padres, trabalhando com o mesmo objetivo proposto por Dom Bosco: esforçar-se para conseguir a perfeição cristã e, nesse esforço, dedicar-se ao apostolado da salvação da juventude, especialmente da mais pobre e abandonada.

Foi uma grande desilusão para aquele moço que vinha alimentando um grande sonho, abandonara tudo para realizá-lo e, de repente, despertava para uma realidade diferente. Só Deus sabe quanto sofreu pelo abismo intransponível que viu aberto entre ele e o anseio de sua alma. Foi-lhe apresentada uma contraproposta. Aceitou a qualificação de aspirante a salesiano irmão. Tratava-se agora de escolher um campo de trabalho no qual iria dar-se à evangelização dos jovens. Entre os ofícios à disposição, escolheu o de alfaiate. Ensinando os mais pobres a costurar roupas novas ou consertar as deterioradas, levaria as almas de seus aprendizes a construir ou renovar igualmente concepções de existência, de cidadania, de vida cristã, por seus exemplos e por suas advertências apostólicas. Era o mister em que procuraria encher-se de virtudes e aproximar-se da perfeição cristã.

Em 1943, ei-lo no noviciado do Ipiranga, na capital de São Paulo. Pertenceu à turma que transferiu aquele espaço de formação para a nova casa em construção, na cidade de Pindamonhangaba, onde o então Pe. Orlando Chaves, o "Apóstolo das Mil Vocações", pretendia abrigar, num futuro muito próximo, inatingido, porém, cem noviços. O Sr. Tristão, sob a tutela do santo mestre de noviços, Pe. Gastão Mendes, foi admitido aos votos trienais e os professou piedosamente no dia 31 de janeiro de 1944, na capela do noviciado de Pindamonhangaba. Mais tarde, depois de renová-los por mais um triénio, fez sua profissão perpétua.

Nos anos seguintes à primeira profissão, vemos o Sr. Tristão na casa de Lavrínhas, praticando seu ofício de alfaiate, tendo aprendido muita coisa com o salesiano irmão, Sr. Avelino Girardi. Trabalhador, diligente, depressa se adiantou no mister de confecção de batinas. Encontramo-lo, ainda, na comunidade da Escola Agrícola, em Lorena-SP. Mas foi no Colégio São Joaquim de Lorena, então grande casa de formação da Inspetoria de Nossa Senhora Auxiliadora, extensa outrora de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul, que nosso extinto Sr. Tristão teve por mestre de aperfeiçoamento profissional o então irmão Egisto, recém-chegado da Itália e formado em alfaiataria no Instituto Conde Ribaldengo. Tornou-se profissional de técnica extraordinária na confecção de ternos e especialmente de batinas.

"Batineiro" das regiões Sudeste e Sul do Brasil, oferecia um trabalho de muita perfeição. Era tão escrupuloso em bem fazer seu serviço, que até padres de corpo um tanto aplásico, mesmo de outras inspetorias, vinham fazer batinas com o irmão Tristão, que jamais errava uma. Alguns salesianos eleitos bispos, apesar de longe de Niterói, enviavam as medidas solicitadas e recebiam as batinas que lhes assentavam no corpo como luvas.

Uma época de angústia esperava como de tocaia o alfaiate. Assim está escrito no Livro Santo:

Aceita tudo que te acontecer e, nas vicissitudes da humilhação, tem paciência. Pois é no fogo que se prova o ouro, e é no cadinho da humilhação que se experimentam os homens agradáveis a Deus. Nas doenças e na pobreza, confia nele. (Eclesiástico 2,4-6)

De improviso, a Santa Igreja tornou eletivo o uso daquela veste talar até então obrigatório. Quase simultaneamente, o modo de vestir masculino ficou ultrapassado. O paletó foi aposentado ou reservado para circunstâncias formais. O uso da roupa feita, das vestes industrializadas vendidas por número de tamanho e não por medidas exatas desmantelou a profissão dos alfaiates. Ficou reservada a alguns poucos ameaçados pela fome, devido à raridade de trabalho em sua profissão. Em consequência, a oficina em que o salesiano ensinava teve problemas. A industrialização decretou o fim das Escolas Profissionais Salesianas, e também a alfaiataria do Sr. Tristão acabou.

O mundo desabou sob os pés daquele homem de formação simples, unilateral e abalou profundamente a estrutura de sua personalidade univalente. Só Deus sabe o quanto terá sofrido, sentindo-se como pessoa inútil, desvalorizada. Tornou-se fechado, resmungão, misantropo, encarnou o significado de seu nome de batismo. Em consequência de discordâncias anteriores, sentiu o fracasso das escolas, da alfaiataria, como resultado do mau gerenciamento de alguns irmãos.

Pareceu-lhe, então, que o conserto de aparelhos eletrônicos, como os de televisão e rádios, era-lhe interessante e poderia ser caminho de apostolado, ensinando aos jovens tais procedimentos. Recolheu aparelhos defeituosos na tentativa de obter resultados esperados. Convenceu-se logo de que, sem estudos naquele ramo, não poderia fazer nada ou quase. Inscreveu-se, pois, em curso técnico na PUC do Rio de Janeiro e conseguiu uma bolsa. Ali também a desilusão o esperava no final do período, por falta de base de estudos fundamentais.

Cremos que suas grandes frustrações foram se convertendo em sintomas clínicos patológicos. Queixou-se de distúrbios somáticos vários e de mal cardíaco. Dizia-se portador da "Doença de Chagas", por ter sido picado quando era criança pelo maligno barbeiro. Foi-lhe requisitado pelo cardiologista um cateterismo para avaliação de seu estado arterial. Um acidente no processo rompeu-lhe um importante vaso sanguíneo, e nosso irmão teve de ser operado de emergência em outro hospital, com especiais recursos exigidos pelo acidente. Ali permaneceu na UTI e, posteriormente, em apartamento, por quase quarenta dias ao todo.

O procedimento da traqueotomia o impedia de falar e foi causa, mais tarde, de nova intervenção cirúrgica e de cuidados fonoaudiológicos para recuperar a voz. Cortava o coração vendo-o na UTI, dependente para tudo, comunicar-se apenas por pequenos bilhetes que nos passava nas visitas. Comovia as pessoas quando, com palavras mal articuladas e desfeito em pranto, atribuía sua permanência na vida a milagre de Nossa Senhora e fazia propósitos, em alta voz, de vida de maior fidelidade a Deus e do surgimento de um novo Tristão.

Quem pensa que aí terminou a via crucis do velho religioso engana-se. Outra provação o aguardava para os mais de dez anos de sobrevivência desse transe. Faz-nos recordar o que nos oferece a passagem de um dos Livros Sapienciais:

Ele bloqueou o caminho, e não tenho saída, encheu de trevas minhas veredas. Despojou-me de minha honra e arrancou-me da cabeça a coroa. Demoliu tudo em redor de mim e... desenraizou minha esperança, como uma árvore. (Jó, 19,8-10)

Eis senão quando sentiu que sua visão não estava boa. Recorreu aos serviços de um hospital de olhos. Os clínicos constataram um estado avançado de glaucoma nos dois olhos e não quiseram operá-los. O Sr. Tristão, sempre muito determinado em suas decisões, ordenou que as intervenções cirúrgicas fossem feitas. O insucesso foi total, e ele ficou completamente cego.

Passou a viver isolado em seu quarto, sem admitir o auxílio de ninguém. Só a empregada entrava para a limpeza do aposento, sob suas ordens. Sabia onde se encontrava cada coisa, cada documento e, por seu relógio e seu rádio, sabia acusticamente das horas, dos acontecimentos políticos e sociais. Todos os dias, descia sozinho de seu quarto para o refeitório e, ali entrando, se anunciava: "Cheguei!". Depois do café da manhã, voltava para seu aposento, seu refúgio. Para o almoço e jantar, era guiado a seu lugar no refeitório e reconduzido ao quarto por quem o ia buscar.

Posteriormente, o Sr. Tristão desenvolveu, em alguns momentos, transtornos de personalidade, com episódios paranoides, de isolamento e agressivos para com algumas pessoas. Jamais dele se ouviu, no entanto, uma reclamação, uma revolta contra Deus pelas duras provas a que vinha sendo submetido.

Não perdia a missa celebrada sábado à tarde, na capela da residência salesiana, às vezes rezada só para ele. Recebia com piedade a santa comunhão que o celebrante lhe levava. Participava igualmente de todos os retiros mensais da comunidade e dos trimestrais, quando eram feitos em casa. Ia com prazer às grandes solenidades religiosas na Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora ou realizadas no Ginásio Dom Bosco, convidado e conduzido de auto por mim. Colocado numa cadeira bem próxima do altar, ele acompanhava as funções em que sempre recebia o Senhor.

O falecido Pe. Alberto dos Santos, enquanto participou da comunidade desta casa, lia-lhe algum texto piedoso diariamente, à noite, logo após a récita das vésperas pela comunidade.

No início de outubro, tendo caído a temperatura, o Sr. Tristão começou a tossir. Ele de nada reclamou e, como de costume, não se agasalhou. A comunidade também deu pouca importância ao fato porque normalmente ele tossia um pouco e expelia pequena quantidade de muco. Talvez fossem resquícios de alguma antiga e leve bronquite que, de tanto em tanto, mostrava seus tentáculos. Pelo dia 12, notou-se que tinha a respiração um pouco penosa. Avisado, chamei o médico que, depois de um exame e medicação preliminares, requisitou-lhe uma radiografia dos pulmões.

Aos 14 de outubro, ele deveria ser levado logo cedo ao hospital para submeter-se à pesquisa solicitada. Estranhou-se que não desceria como de costume para tomar o café da manhã. Bateram à porta de seu quarto, primeiro de mansinho, depois com violência, sem obter qualquer resposta.

Arrombada a porta, os acidentes do Sr. Tristão Cordeiro de Oliveira estavam caídos no meio do quarto, já vestidos e preparados para ir ao médico. O Senhor lhe tinha aberto os olhos naquela manhã para que contemplasse afinal a Sua Face. A essência do irmão passara do Tempo para a Eternidade.

Tomamos logo as providências que o caso urgia. O médico diagnosticou que o nosso irmão fora vítima de um edema pulmonar agudo.

Na tarde daquele mesmo dia, no cemitério Parque da Colina, presente o Pe. Jairo de Matos Fonseca, vice-inspetor, representando o Pe. Nilson Faria dos Santos, nós, diretor da Comunidade, Pe. Raymundo Simões Quinteiro, diretor do Colégio Salesiano Santa Rosa, os salesianos da Comunidade e coordenadores do Colégio Salesiano Região Oceânica e do centenário Salesiano, a sobrinha do falecido, superiora da Congregação das Irmãs Franciscanas, alguns empregados e numerosos amigos e ex-alunos, velamos os despojos mortais do falecido.

Os seis sacerdotes presentes concelebraram a santa missa de corpo presente. Vários depoimentos foram dados em testemunho do valor pessoal do falecido, e relembrando as duras provações por que passou em vida. Terminada a missa, os numerosos amigos, ex-alunos e paroquianos se organizaram em procissão e acompanharam o caixão até ao local de seu enterramento, ao canto do Salmo 23. Enquanto o ataúde descia à cova, entoou-se a loa "Com minha Mãe estarei na Santa Glória, um dia". Duas grandes coroas de flores enviadas pelos colégios salesianos da cidade ficaram colocadas uma à direita, outra à esquerda da campa dos salesianos.

Logo o pequeno grupo de pessoas se dissolveu, de retorno a seus afazeres. Irmãos em Dom Bosco, recomendando-lhes que rezemos em sufrágio da alma do Sr. Tristão, caso ainda tenha disso necessidade diante de Deus. Lembremo-nos dele especialmente os que outrora usamos batinas (ou ternos) confeccionados com esmero e carinho pelo profissional zeloso que se mostrou, enquanto perdurava a obrigação dos sacerdotes usarem continuamente a negra sotaina sagrada. Nesse mister profissional e religioso, ele despendeu energias dias e noites com zelo e perícia. Saibamos perdoar e esquecer algum momento de extrema angústia em que se tornou agressivo em palavras ou de procedimento incoerente e peçamos sua intercessão por nós junto a Deus.

Niterói, 12 de janeiro de 2011.

Pe. Duile de Assis Castro
Diretor

DEPOIMENTOS

Naquele dia, o céu estava em polvorosa. Alguma coisa tinha acontecido com Jesus. Talvez nem dormira direito. Imagine que tinha resolvido fechar a história do Universo. Assim, de improviso, sem combinar nada com ninguém. Ele, sempre sorridente e bonitão, estava de cara turva, como quem sofre do figado.

— Mamãe, vem cá. A senhora vai comigo, que vamos julgar logo o mundo enquanto temos ainda paciência.

— Pois não, meu filho. São todos filhos meus também.

— Eu vou organizar a fila. A pergunta central é o amor a Deus e ao próximo. A senhora acompanhe a fila, tá bem?

A fila era longa. Muitos quilômetros de gente. Lá no meio, andando às apalpadelas, vinha ele, de óculos escuros. De longe, Maria viu que era um salesiano. Duvidou porque estava de cara ruim. Salesiano anda sempre de cara boa. Ele pediu para sair da fila, e ela não deixou. Acompanhava-o em cada passo.

— É que Jesus está perguntando o que de bom a gente fez aqui na terra, e eu não me lembro de nada. Acho que me deu um branco, pois não me lembro de nada de bom. Ai de mim!

Maria afagou-lhe os cabelos brancos e adiantou... Voltou e sugeriu:

— Pense bem no oratório, na oficina, na escola...

Nisto ele se viu diante de Cristo, agora com um iluminado sorriso. Mas o branco continuava:

— Não me lembro de nada mesmo — já resignado a ver tudo perdido. Olhou para o Cristo, que se inclinou, o abraçou e disse:

— ENTRE. VOCÊ COSTUROU TODAS AS MINHAS BATINAS.

Pe. Jacy Côgo

O nosso Tio Tristão Cordeiro de Oliveira era especial. Era o tio que morava na cidade e não negava e nem esquecia as raízes de povo mineiro, como bom mineiro que era. Amava sua mãezinha, descendente de árabe, mulher sofrida e dotada de muita sabedoria. Depois que a perdeu, não deixou de voltar à sua terrinha. Uma vez por ano, por anos a fio, visitava seus nove irmãos (Maria, Amélia, Moisés, Isaías, Geraldo, Joaquim, Vicentina, Jonas, José) e seus inúmeros sobrinhos.

Tinha especial predileção pelo Joaquim e o Jonas, com quem compartilhava mais tempo, e a pretexto, mais histórias de vida. Acometidos por problemas cardíacos e sem os cuidados necessários, precocemente perdeu quatro desses seus irmãos, inclusive o Jonas, deixando para ele um imenso vazio. Ainda assim, dedicava igual atenção aos sobrinhos órfãos: aconselhando, apoiando e prometendo orações.

Nosso Tio era autodidata. Dedicava-se à leitura sobre política, história, religiões, cultura (gostava do carnaval carioca)... Parecia querer recuperar o tempo perdido, pois não ficou padre por ser adulto, sem a oportunidade de acesso à cultura acadêmica. Coisas da época.

Quando nos visitava no interior de Minas Gerais, contava-nos as histórias das cidades grandes, capitais do Rio de Janeiro e da Guanabara. No imaginário, conhecíamos essas cidades, até que passamos a adotá-las também. Contava especialmente sobre sua vida de religioso salesiano, dos退iros de espiritualidade e da missão que desempenhava na profissão de alfaiate. Chegou a ensinar esse ofício a uma de suas sobrinhas, habilidosa e, como ele, inquieta pelo saber. Transparecia no tio muito zelo, alegria e realização por pertencer à Família Salesiana e pelo que fazia. E todos nós nos orgulhávamos com ele e dele.

Das histórias de sua passagem da vida leiga para a vida religiosa, percebíamos a mediação da fé em Nossa Senhora Auxiliadora, em Dom Bosco e em São Domingos Sávio, que igualmente nos tornaram familiares. Era comum entregar maços e maços com estampas desses santos para a sobrinha catequista, que os distribuía a seus catequizandos.

Certa vez, nos contou que, tendo se aposentado da oficina de costura, ocupou-se de aprender outra profissão: eletrônica, pela PUC do Rio. Nessa nova tarefa, descobriu a satisfação de reabilitar os aparelhos de tevê de mulheres de baixa renda, isentando-as assim da fissura de não poderem acompanhar os imperdíveis capítulos de novela da Rede Globo. Mais uma vez, era motivo de contentamento.

A vida de nosso tio Salesiano não nos passou despercebida. Nos últimos tempos, o caminho era invertido. Não podendo mais ir a Minas, alguns de nós, pelos laços criados, o retribuímos com as rápidas visitas de modernos. E agora, com a sua falta definitiva, percebemos que tais visitas não eram tão intensas quanto as que ele nos fazia: horas a fio, na valorização das tradições familiares, nas mesas jogando truco (zangando-se se ganhasse ou se perdesse o jogo), no saboreio das comidinhas típicas, ocupando-se das histórias de vida... Nossa tia foi uma lição!

Ir. M. Ananias A. de Oliveira (Ir. Naná)

Irmãs Franciscanas de Bonlanden

18 de outubro de 2010

DADOS PARA O NECROLÓGIO

Ir. OLIVEIRA, Tristão Cordeiro de.

* 24 de março de 1918 - Capelinha - MG.

+ 14 de outubro de 2010 - Belo Horizonte - MG.

Primeira profissão religiosa: 31 de janeiro de 1944.